

# **Diários de aula: a experiência no curso de tecnologia em gestão de recursos humanos**

Marcelo Oliveira da Silva \*

*Classroom diaries: experience in the course of  
technology in human resource management*

---

\* Professor pesquisador e coordenador da Comissão Própria de Avaliação da Faculdade de Tecnologia Senac RS. Mestrando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**RESUMO:** O presente artigo propõe a análise dos diários de aula na dupla perspectiva de exercício da escrita e posterior reflexão da prática docente. Seguindo a ótica desenvolvida, os diários de aula servem para desvelar o mundo pessoal do professor, seus dilemas, além de instrumento de avaliação e de reajuste do seu processo didático, buscando motivar o exercício da escrita. A metodologia de diários de aula foi proposta aos professores do primeiro semestre do recém iniciado Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia do Senac/RS. Aqui são analisados diários de duas professoras com formações e visões muito distintas da sua prática. Em uma, encontramos dilemas e a reflexão sobre sua prática docente, enquanto que na outra, não se permitiu tal prática mesmo tendo mais tempo de experiência profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** diários de aula; curso de tecnologia; prática docente; escrita.

**ABSTRACT:** *This article proposes the analysis of classroom diaries from the double perspective of diaries as an exercise in writing and also as the vehicle for the resulting reflection upon the practice of teaching. According to the adopted approach, classroom diaries can be a means for revealing the teacher's personal world and her predicaments, as well as a tool for the assessment and readjustment of his process of teaching, which may in its turn motivate the practice of writing. A methodology that makes use of classroom diaries was presented to teachers of the first semester of the recently started "Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia do Senac RS". In this text, we analyze classroom diaries written by two teachers with remarkably different academic histories and approaches to education. One of them presents us with her predicaments and with reflections related to her teaching practice, whereas the other, who is professionally more experienced, did not make use of the classroom diary for the same purposes.*

**KEYWORDS:** classroom diaries; "curso de tecnologia"; teaching as practice; writing.

## 1. DIÁRIOS: UMA INTRODUÇÃO

**N**a peça teatral **A importância de ser Honesto** (*The importance of being Earnest*, 1895), de Oscar Wilde, dentre muitas falas que ficaram famosas, esta de Gwendolen é memorável: “Eu nunca viajo sem meu diário. Devemos ter sempre algo sensacional para ler no trem [*I never travel without my diary. One should always have something sensational to read in the train*]” [tradução nossa]. O escritor Oscar Wilde satirizava a sociedade da sua época. Na Inglaterra do século XIX, o individualismo colocava o ser humano como o centro de tudo e, pela primeira vez, os diários pessoais eram valorizados e, às vezes, considerados como uma forma de espetáculo. A frase de Gwendolen deve ser entendida nesse contexto: as sociedades europeias pós-Revolução Industrial haviam levado o autoexame por meio do texto ao *status* de uma espécie de *reality show* da alma.

Alguns reflexos desse mesmo individualismo são ainda visíveis na época atual. O presente artigo não tem o mesmo objetivo do diário de Gwendolen, mas aborda outra forma específica de diário: o de aula, segundo a perspectiva desenvolvida por Zabalza (2004a). Nessa forma de diário, o objetivo do autoexame – com a vantagem do distanciamento temporal que o texto nos proporciona – ainda está presente, como nos diários de mais de um século atrás.

## 2. SOBRE A ESCRITA DE DIÁRIOS: O REGISTRO ESCRITO COMO EXERCÍCIO CRIATIVO DE NARRAÇÃO

Diários já eram escritos na Antiguidade e, em muitos casos, chegavam a ser publicados. Os diários ajudam a entender uma época e seus costumes, e também uma personalidade e suas inquietações. Na literatura, encontramos exemplos de diários que se tornaram livros, como **O Livro de Travesseiro** (*Makura no Sôshi*), escrito por Sei Shônagon (finalizado em 1002; tradução brasileira publicada em 2008). O livro de Sei Shônagon é um tipo específico de diário, que em japonês denomina-se *zuihitsu* (notas esparsas). Shônagon retratou a sua vida na corte em Quioto; entretanto, assevera o tradutor do livro, em seu ensaio de introdução, que a “técnica criativa de Sei Shônagon assemelha-se à de Proust em um aspecto: ela se baseia em uma primeira pessoa de fantasia, ou seja, uma pessoa que é, a um só tempo, autobiográfica e ficcional” (CUNHA,

2008, p.17). Isso não diminui o valor que tem um diário pessoal como reflexo da época e da realidade vivida pela autora.

O argentino Alberto Manguel, no início do século XXI, publica o seu diário de leituras “Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas”, em que mistura o seu diário pessoal, acontecimentos políticos (como o 11 de setembro e suas consequências) e crítica literária. Nas palavras de Manguel (2005), relendo um livro determinado a cada mês, “eu poderia completar, em um ano, algo entre um diário pessoal e um livro trivial: um volume de notas, reflexões, impressões de viagem, esboços de retratos de amigos e de eventos públicos e privados, tudo isso induzido pela minha leitura” (p.10). Um dos doze livros escolhidos por Manguel para a leitura é **O Livro de Travesseiro**, de Shônagon, mais precisamente no mês de março de 2002.

Esses dois diários, de acordo com a classificação de Zabalza (2004a, p.15), podem ser considerados como sendo de escrita “criativa e poética”, na qual “a narração responde não apenas aos critérios de refletir a realidade (como no modelo jornalístico) como a possibilidade de imaginar ou recriar as situações que se narram”. A escritora japonesa do século X encontra-se com o escritor argentino radicado no interior da França em seu diário. As duas interpretações da realidade se veem frente a frente em um mundo globalizado, sem fronteiras, e fragmentado. A própria palavra “fragmentação” remete à ideia de um diário, em que curtos momentos da vida são relatados, como quando Manguel (2005) afirma que o seu diário é a tentativa de registrar alguns “momentos de despertar” (p.11).

Entretanto, nem só os escritores ou personalidades registram suas vidas em diários. Há os registros efetuados pelos professores das suas aulas, que são especificamente o objeto de estudo deste artigo. Primeiramente, abordaremos questões ligadas à dificuldade de escrever, em especial com relação à escrita de um diário. Mello e Vitória (2007, p.14-15) registram que, frente à realidade do mundo atual, marcado “pelo acesso fácil e rápido a todo e qualquer tipo de informação, pela facilidade que isso implica, mas também com toda uma demanda complexa e paradoxal que dela emerge quando se fala em escrever, ler e criar/fomentar uma cultura de leitura”, cada vez mais se escreve mensagens de texto no celular, e-mails, recados em sites de relacionamento, blogs, e, mais recentemente, via *twitter*. Quando as autoras Mello e Vitória (2007) falam

em paradoxo, estão se referindo ao aumento da quantidade e à diminuição da qualidade na escrita, consequência da falta de leitura.

Cassany (2006), ao se perguntar se a Internet fará com que o papel e o lápis desapareçam, afirma:

Seguiremos tomando notas, firmando tarjetas y contratos, entregando talones, dedicando libros, subrayando lo importante de cada página, marcando películas o farmacias en el periódico... También seguiremos leyendo libros, guías turísticas, catálogos de productos, programas de manos, ordenes del día en reuniones, trípticos publicitarios, revistas, periódicos (CASSANY, 2006, p.182).

A pergunta não efetivada é: como podemos escrever com qualidade? O mesmo autor aponta o já conhecido motivo – “*El desinterés por la escritura*” (CASSANY, 1999, p.92). Segue afirmando que, mesmo quando em muitas profissões se escreve, não relacionamos a escrita com essas profissões, e acreditamos que possíveis erros ou obscuridades em um texto “*no tienen incidencia en el mensaje, porque este es independiente y, en consecuencia, carece de interés considerar la calidad lingüística de los documentos*”. Entretanto, se estamos falando de professores, entendemos que estes devem ter, na medida do possível, uma escrita qualificada.

Demo (2009, p.7) acredita que, em poucos meses, uma criança pode se alfabetizar no “internetês”; entretanto, o “desafio maior é passar da linguagem comum para a linguagem sofisticada, de cunho acadêmico”. O mesmo autor, ao concluir o seu artigo, afirma que, falando do ponto de vista da tecnologia, “a nova geração pode nos deixar para trás: precisamos dela mais do que ela precisa de nós, em certo sentido” (DEMO, 2009, p.14). Demo (2009) deixa claro o paradoxo: ao mesmo tempo em que temos de ensinar uma escrita com método, sistematização e sequência de ideias, temos que entender a realidade tecnológica, os meios de comunicação atuais e sua nova linguagem.

Voltamos a nos questionar: *em que momentos da sua profissão um professor escreve?* Certamente, podemos afirmar que em muitos. A pergunta complementar pode ser: *com que qualidade esse mesmo professor escreve?* Cassany (1999, p.93) complementa a ideia de que, se reduzimos o ensino da escrita (composição) à área de letras, as outras pessoas acreditam que a escritura é “*un arte subjetivo, mágico y acientífico*”. No entendimento do autor, esse conceito propicia que alunos

perguntem aos professores porque devem aprender língua, se são das ciências exatas, por exemplo. Vale dizer que, para um professor, a escrita não pode ser um mito, algo desconhecido, considerado como uma tarefa árdua. Um dos instrumentos do professor é a linguagem, tanto a oral quanto a escrita.

Retornamos para a questão dos diários. A elaboração de um diário pode auxiliar o professor na prática e no aperfeiçoamento da sua escrita. Zabalza (2004a) trata os diários como instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica. Entretanto, acreditamos que, além de promover esse distanciamento reflexivo, o diário pode ajudar o professor no exercício da sua própria escrita, não só pela prática frequente, mas, principalmente, pelo acompanhamento e orientação na escrita.

### 3. OS DIÁRIOS DE AULA: SENTIDOS, INTENÇÕES E SIGNIFICADOS

Passaremos a estudar de forma teórica os diários de aula. Para Mello (2003, s/p), o diário de aula é o instrumento que serve para “expressar qual é o estado atual da nossa investigação sobre o pensamento do aluno em formação, naquilo que se refere à parcela específica do trabalho desenvolvido em sala de aula”. Na visão de Alves (2004a, p.227), para poder trabalhar com diários, devemos tomar posicionamento “face à sua utilização, com a requerida confiança na sua possibilidade de *traduzirem* válida e fielmente, o *pensamento e experiências* dos seus autores”. Seguindo o entendimento de Zabalza (2004a), os diários de aula possibilitam a análise de quatro âmbitos: o mundo pessoal, os dilemas, a avaliação e o reajuste de processos, bem como o desenvolvimento profissional.

O trabalho do professor é, normalmente, solitário, mesmo que em uma sala de aula tenhamos cinquenta alunos, por exemplo. O que acontece em sala de aula dificilmente é dividido com outros colegas, ou mesmo registrado. Para Zabalza (2004a, p.17), “os diários permitem aos professores revisar elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho”. O “acesso ao mundo pessoal dos professores” trata da escrita do diário como a possibilidade, nas palavras de Zabalza (2004a, p.18), de racionalizar “a vivência ao escrevê-la (o que tinha uma natureza emocional ou afetiva passa a ter,

além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável”). O diário permite que, ao escrevermos sobre nossas “vivências e emoções”, possamos organizá-las, ter uma análise distanciada e, talvez, dividi-las com nossos colegas.

Os diários também são uma forma de explicitar os nossos próprios dilemas em relação à atuação profissional. Zabalza (2004a) conceitua dilemas como:

[...] constructos descritivos (isto é, identificam situações dialéticas e/ou conflitantes que ocorrem nos processos dialéticos) e próximos à realidade: se referem não a grandes esquemas conceituais, mas a atuações específicas concernentes a situações problemáticas no desenvolvimento da aula (ZABALZA, 2004a, p.19).

Os dilemas fazem parte da ação docente. São as reflexões sobre as decisões que o professor deve tomar, impasses enfrentados entre o ideal e o possível naquele momento, a gestão prática da aula. Para Zabalza (2004a), pela utilização do diário, o professor pode deixar claro ou implícito quais dilemas o perturbam, e quais mecanismos utiliza para resolvê-los.

A terceira análise aborda os diários como acesso à avaliação e ao reajuste de processos didáticos, permitindo ao docente um distanciamento reflexivo da sua prática. Para Zabalza (2004a, p.24), os diários podem se tornar “o registro mais ou menos sistemático do que acontece nas nossas aulas”, de modo a extrair uma “espécie de radiografia de nossa docência”. O autor utiliza-se de Porlan (1987 *apud* ZABALZA, 2004a) para estabelecer um conjunto de operações que podem auxiliar nessa reflexão: a) acumular informação significativa sobre o processo ensino-aprendizagem; b) acumular informação histórica sobre a aula e seu entorno; c) registrar momentos, identificar problemas e acompanhar temas de interesse; d) analisar dados e refletir; e) buscar solução para problemas; e f) usar o próprio diário como objeto de pesquisa.

Finalmente, Zabalza (2004a) trata os diários como recurso para o desenvolvimento profissional permanente, pois, após realizarmos as etapas anteriores, estaremos, certamente, em melhores condições de entender e rever a prática docente. Para tanto, o autor estabelece cinco etapas cíclicas: 1) tomada de consciência dos seus próprios atos; 2) aproximação analítica com relação às práticas profissionais; 3) aprofundamento da compreensão

do significado das ações; 4) tomada de decisões e de iniciativas de melhorias; e 5) início de um novo ciclo de atuação profissional. Zabalza (2004a, p.29) acredita que é “justamente assim que nos instalamos em um circuito permanente de melhoria da qualidade de nossa atividade profissional”.

O mesmo autor acrescenta ainda outros aspectos do uso dos diários: a) o sujeito se acostuma a refletir e retorna, narrando o que aconteceu; b) acostuma-se a escrever; c) tem no texto *feedback* imediato e permanente; d) divide mais facilmente experiências e pode trabalhar de modo cooperativo; e) pode usar seu texto em conjunto ou de forma complementar a outras metodologias de trabalho.

A partir dessas considerações, podemos pensar nas múltiplas possibilidades de utilização dos diários, sejam elas como mecanismo de catarse dos dilemas, como registro da prática docente que permita a reflexão, ou ainda como mecanismo auxiliar na avaliação dos alunos e da turma.

#### **4. OS DIÁRIOS DE AULA NA PERSPECTIVA DE UM PROFESSOR DO CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Como sou professor na Faculdade de Tecnologia do Senac/RS, propus ao grupo de professores que iniciou a primeira turma do Curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos (GRH), no segundo semestre do ano de 2009, a elaboração de diários de aula. O primeiro semestre do curso de GRH conta com sete unidades curriculares (disciplinas) e cinco professores. Dois deles acumulam duas unidades curriculares.

Vale fazer alguns detalhamentos. A avaliação na Faculdade é por competência. Utilizamos um documento chamado de *norma de competência* para fazer o acompanhamento dos alunos. Na norma, ficam estabelecidos os seguintes elementos: as competências a serem atingidas; os critérios de desempenho; e as evidências demonstradas pelos alunos – de conhecimento e compreensão, de desempenho direto e de produto ou resultado. A solicitação da elaboração e preenchimento da norma é feita pela coordenação de curso. A situação ideal seria que esse tipo de acompanhamento fosse feito aula a aula; entretanto, isso não se verifica na realidade, porque, ao encerrar a aula, o desejo de todos é retornar para casa.

A norma de acompanhamento assemelha-se ao diário de aula, pois pode funcionar como um registro da aula, da impressão dos professores sobre o aprendizado dos alunos e de situações pontuais (há espaço para esse registro). Entretanto, o registro do professor não tem intenção de ser um diário, nem é espontâneo, ou seja, a sua entrega é uma condição para o encerramento do semestre letivo.

Em um encontro, propus aos quatro professores que fizessem um diário de aula (o quinto professor é o autor do artigo). Expliquei em que se constituía um diário, seguindo o que havia entendido dos ensinamentos de Zabalza (2004a). Depois de três semanas, como não havia recebido nenhum diário, voltei a me reunir com os professores para retomar o assunto e explicitar a dinâmica do diário de aula. Outros contatos foram feitos por e-mail.

Feita a proposta, recebi diários de duas professoras, que passarei a denominar de Sujeito 1 (S1) e Sujeito 2 (S2). S1 descreveu principalmente em seu texto os seguintes aspectos: a administração da aula, as qualidades da professora, e a necessidade de infraestrutura e de apoio da coordenação. S2 deu maior espaço em seu texto a questões que a inquietavam em relação a sua prática em sala de aula, a dilemas de suas atividades profissionais cotidianas, e ao acompanhamento dos alunos.

Segui o proposto por Zabalza (2004a, p.58-59): uma primeira “leitura exploratória” para evitar uma tipificação prematura; uma “segunda leitura, com anotações à margem e seleção de afirmações e dados relevantes”. A segunda leitura deve seguir três pontos de vista (segundo Zabalza (2004a), os mesmos utilizados por Eliot para observação de aula): a) as pautas ou *patterns* (padrões), que permitem uma caracterização descritiva da aula; b) os dilemas que professor apresenta, ou o conjunto de aspectos que o professor apresenta como problemáticos e que resultam em preocupações, incertezas ou reflexões; e c) as tarefas realizadas em aula, com relação às estratégias usadas pelo professor para cada aprendizagem pretendida.

Após receber os diários, senti necessidade de complementar minha análise com algumas perguntas aos sujeitos da investigação. As perguntas, bastante simples, são: 1) Quando utiliza a escrita na sua prática docente?; 2) Essa escrita é pensada ou automática?; e 3) A elaboração de diário de aula ajudaria na reflexão sobre a sua prática docente?

Como bem afirmou Malmberg (1976, p.19), “toda a pesquisa científica se baseia, afinal, na necessidade de o homem ver com maior nitidez o que lhe diz respeito e ao mundo em que vive”. Partindo dessa premissa, ousou buscar entender melhor o mundo em que trabalho, pela experiência de meus colegas. A análise foi complementada pela minha própria experiência e visão como professor do curso, colega dos sujeitos e conhecedor da instituição.

Os diários dos quais foram extraídas as citações selecionadas são denominados de D, seguidos do número que indicam a ordem que eles foram recebidos (D1, D2, D3, D4). Os nomes citados nos diários foram suprimidos. A seguir, analiso o diário de S1.

Como trabalho e conheço S1, posso afirmar que a professora possui muita experiência em sala de aula e como coordenadora de curso em outra instituição. O seu diário é bastante pessoal. Limita-se a relatar os objetivos a serem desenvolvidos nas aulas, algumas considerações sobre o andamento da aula e a importância da infraestrutura, do apoio da coordenação e da sua própria pontualidade, experiência, domínio e organização. As aulas registradas em forma de diário seguem o mesmo padrão. Em três diários, repete a mesma frase em relação ao planejamento da aula: “Utilização adequada do quadro branco e canetas marcadores nas cores preta, azul e vermelha” (S1, D2, D3 e D4). Quando perguntada sobre os momentos em que utiliza a escrita, ressaltou que acredita que o “uso adequado e correto do quadro branco com canetas de cores diversas é um ótimo recurso para um ensino-aprendizagem de boa qualidade”.

Os objetivos de S1 são bastante claros. Vejamos o seguinte excerto da primeira aula:

1º Apresentação do professor e acadêmicos. 2º Plano da Unidade Curricular – ementa e proposta de competências; focos temáticos; estratégias de ensino e aprendizagem; avaliação de processo; bibliografia básica e complementar. 3º Fundamentos (Conceitos Iniciais). 4º Finalização da aula com entrega das cópias dos textos p/leitura e estudo (S1, D1).

Nos outros diários segue o mesmo tipo de esquematização. S1 utiliza corretamente as nomenclaturas propostas pela Faculdade (unidade curricular, focos temáticos, avaliação de processo), mesmo na sua fala. Essa prática fica evidenciada em seu diário. Trata-se do que Zabalza (2004a, p.61) chama de

“diário como descrição das tarefas”: no caso deste diário, S1 apresenta as tarefas e tece alguns comentários sobre o desenvolvimento das mesmas.

Ao responder se a prática de diário de aula ajudaria na reflexão sobre a sua prática docente, afirmou que “seria mais prático e rápido se houvesse algo esquemático, tipo um *check-list*, para rever procedimentos ou como autoavaliação”. A fala condiz com o demonstrado no diário de aula entregue.

Entretanto, sua prática ficou pouco evidenciada no diário. Apenas aspectos mais superficiais como, por exemplo: “Este dia de aula foi gratificante, transcorreu em um clima e ambiente descontraído e leve. Os alunos mostraram-se concentrados, interessados e participativos” (S1, D3). Essa descrição da atitude dos alunos é um padrão repetido nos dias relatados no diário de aula.

O diário de S1 não apresenta dilemas, e demonstra um clima de extrema cooperação em sala de aula, como pode ser visto nos trechos citados. Há que se destacar uma única possibilidade de expressão de algum dilema ou fragilidade. Essa situação foi a visita da assessora pedagógica da mantenedora para fazer a avaliação da prática docente, retratada da seguinte forma: “Devo registrar que nos dois últimos períodos recebi a visita da Prof. [nome suprimido] do NEP [Núcleo de Educação Profissional], que realizou a supervisão pedagógica de minha conduta nesta aula, tendo recebido ao final dos períodos a devolução da avaliação” (S1, D4). Nesse caso, S1 não teceu comentários de como se sentiu ou qual foi o *feedback* recebido. Não há como saber se houve alguma interferência da presença da assessora pedagógica, exceto quando afirma: “sendo que a participação e colaboração dos alunos e da Prof. [nome suprimido] nas discussões de casos já identificados ilustram sobremaneira a aula” (S1, D4). Como trabalho diretamente com a assessora pedagógica, pude ouvir vários relatos dessa participação ativa na observação da aula – quando gosta da aula, empolga-se e participa ativamente como se fosse uma aluna.

Complementando, S1 ressalta, sempre que possível, as suas próprias qualidades de forma repetida em seu diário, como a seguir:

A experiência e conhecimento prático da professora, segurança e organização demonstrada ao fundamentar o tema em estudo e a entrega dos materiais e documentos de apoio instrucionais necessários são essenciais para desenvolver um estudo e ensino de boa qualidade (S1, D3).

Acredito que, nessa faceta, revela-se muito de S1. O interessante é que S1, em conversas, sempre ressalta a necessidade de mantermos um registro da nossa prática. Talvez até pelo fato de um colega ser o leitor do diário, não tenham nele aparecido aspectos mais reveladores, mas um relato autocomplacente – ou então, a professora tem uma elevada autoestima.

Em relação à turma, o diário deixa claro que é bastante participativa e experiente. “As contribuições e as situações comentadas e já experimentadas dos alunos e familiares, ilustram sobremaneira a temática em estudo” (S1, D2). Posso afirmar, pela minha atuação, que a participação e a troca de experiências são características dessa turma e de muitas outras nos cursos de tecnologia.

O diário da professora S2 é mais rico do ponto de vista pedagógico. Zabalza (2004a, p.62) entende esse tipo de diário “como expressão das características dos alunos e professores (diários expressivos e auto-expressivos) [sic]”. S2 é responsável por duas unidades curriculares no primeiro semestre. Os diários trazem sempre a introdução da aula (objetivos e tarefas), como fica claro pelos excertos “Apresentação do Plano de Negócios por grupo; Análise crítica e construtiva; *Feedback* do grupo relativo ao processo” e “Antes de iniciarmos as apresentações, revisei os objetivos do trabalho” (S2, D1).

S2 também explicita o fechamento da aula, com o consequente encaminhamento para a próxima aula. Vejamos: “Faltou a conclusão, que ficou para o início da próxima aula” (S2, D3). Logo após aparecem alguns apontamentos para a próxima aula: “Criar exercício (caso) conceito de BSC” (S2, D3). No diário seguinte, aparece a referência ao exercício: “Na parte do exercício foi muito bom para que se resgatassem os conceitos”. Isso demonstra um acompanhamento da prática do professor e do desempenho do aluno. Vale ressaltar que, por se tratar de um curso de tecnologia, os alunos necessitam de exercícios para que apliquem os conceitos teóricos desenvolvidos.

O principal dilema de S2 é em relação à administração do tempo pelos alunos, como fica evidente a seguir:

[...] a agressividade da aluna [nome suprimido] quanto a ter que fazer muitos trabalhos para a faculdade, bem como utilizar o seu tempo livre para fazê-los. Ressalto aqui que já conversei com ela, pelo menos 2 vezes, que isso é ser aluno de curso superior. [...] O que posso fazer quanto a orientá-los quanto à administração de seu tempo? (S2, D1).

A professora S2 está visivelmente consternada em função da adaptação dos alunos ao ritmo peculiar do ensino superior. Demonstra ser uma professora reflexiva, pois, além de detectar o problema, busca uma possível solução. Como Zabalza (2004a) afirma com relação a esse tipo de diário, o professor tem na escrita a oportunidade de demonstrar como se sente e como atua frente a situações de sala de aula.

Um dado adicional vem agravar o problema citado anteriormente. Trata-se do dilema de S2 quanto ao constante atraso dos alunos – realidade vivida nos cursos superiores, principalmente noturnos. “A aula começou com 20 minutos de atraso, tendo em vista que não havia nenhum grupo completo” (S2, D1). “A aula começa com cerca de 20 minutos de atraso. Dessa vez, teve uma influência externa muito importante, que eram os exercícios da professora de Economia” (S2, D3). Essa preocupação de S2 – posso afirmar – estende-se à maioria dos professores.

Ao referir-se à apresentação dos grupos de alunos, a professora S2 demonstra suas próprias características pessoais: “Os alunos estavam muito apreensivos, achando que eu ficaria muda na aula. Doce ilusão, não me aguento e jamais deixaria passarem [sic] conceitos dúbios” (S2, D2). Aqui fica claro o posicionamento pedagógico de S2 no momento da apresentação de trabalhos, como mediador, clarificador e instigador do processo. Ainda afirma: “Com a permissão do grupo, completei o assunto e puxei dos demais colegas o que não estavam entendendo” (S2, D2). Fica claro, pela análise dos diários, que o professor é um mediador constante da aprendizagem (“A apresentação foi sofrível. Fiz várias intervenções” S2, D3), resgatando conceitos, utilizando exemplos, incentivando a participação dos alunos.

As afirmações da professora S2 que citamos no parágrafo anterior levam-nos a concluir que se trata de um diário que apresenta dilemas e dimensão pessoal, como os diários que centram sua “atenção nos sujeitos que participam no processo de ensino” e que “são muito descritivos em relação às características dos alunos” (ZABALZA, 2004a, p.62). Os seguintes excertos sobre as apresentações do trabalho confirmam a fala do autor: “A [nome suprimido] se destacou (sem dúvida era quem mais sabia sobre o conteúdo)! A [nome suprimido] completamente perdida (não conseguia nem ler direito) e a [nome suprimido] conseguiu exemplificar conceitos” (S2, D3). “A aluna [nome suprimido] (que não faz esta UC) veio especialmente para assistir os colegas” (S2, D1).

As duas professoras concordam que utilizam a escrita em sua prática docente, ao preencherem o caderno de chamada; no quadro; e-mails para os alunos, colegas, coordenação de curso; para a elaboração de material para os alunos; planos de ensino; planejamento das aulas. Ambas também concordam que essa escrita é bastante pensada, o que fica evidenciado pela fala de S1 na sua resposta ao questionário: “Tenho um hábito de após ou próximo à abordagem dos temas trabalhados, dependendo da complexidade do assunto, disponibilizar para o aluno material produzido por mim”. Segue afirmando que “Minha escrita é sempre muito estudada ou pensada”.

Ao ser perguntado se a elaboração de um diário de aula ajudaria na reflexão sobre a sua própria prática docente, S1 respondeu que sim: “acredito que um instrumento estruturado seria interessante testar”. Esta é uma fala que condiz como o expresso no diário, em relação à importância da organização do professor para o bom andamento da aula. No entanto, é justamente o contrário do que Zabalza (2004a) defenderia: o diário é uma expressão pessoal, uma forma mais livre para se expressar, como acredita S2, e não um documento estruturado, um formulário.

S2 respondeu que o diário não seria importante para refletir sobre a sua prática docente, mas entende que ajudaria “na organização e acompanhamento dos alunos durante o semestre”. Pelas características do diário de S2, este auxiliaria no registro das aulas e do crescimento de cada aluno “para dar a menção final”. O diário, para S2, “não é fechado”, ele é “mais livre para efetuar o registro do que a norma de competência”. S2 pensa em ter um registro mais detalhado sobre os alunos, que seria utilizado para trabalhar o “*feedback* na avaliação de desempenho do aluno”. Entretanto, despreza a possibilidade de reflexão sobre sua prática.

As perguntas complementares confirmam as características e os padrões estabelecidos nos diários, não havendo discrepância entre a fala das professoras e a sua escrita.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos diários de aula pode ser tão fascinante quanto o dos diários literários. Os professores, por meio de sua escrita, revelam sua prática, e desvelam aspectos de sua personalidade da mesma forma que na literatura aprendemos sobre os costumes de uma época (prática) e sobre as crenças de quem registrou seus pensamentos em um diário. Barcellos (2009, p.15), um pesquisador da área de

História que estuda diários dos mais diversos, admite sobre os “diaristas” (é como o autor, nomeia quem escreve um diário), que gostam “de ver a imagem que cada um faz de si”.

Se nossa escrita revela a imagem que fazemos de nós mesmos, podemos encontrar neste estudo duas professoras que vivenciam a mesma realidade de formas bastante diferentes. No caso de S1, a professora ressalta a organização da instituição e da professora como os fatores mais importantes para o sucesso de uma aula – não apresenta dilemas ou reflexões pedagógicas em sua escrita, embora seja uma pessoa preocupada com o processo de ensino-aprendizagem, com o crescimento dos alunos, e que utiliza de metodologias distintas (ao que tudo indica, bem aplicadas em suas aulas).

Zabalza (2004a, p.142) acredita que devemos escrever um diário “quando sentimos que estamos sendo muito pressionados e/ou acumulando muita tensão interna.” Segue afirmando que “o diário nos oferece um mecanismo de “*catarse protegida*”. S1 tem uma longa história na atividade docente. Como já foi dito, já foi coordenadora de curso em uma instituição de porte médio, o que talvez tenha ligação direta com a sua capacidade de lidar melhor com as situações de seu dia a dia. Por outro lado, é possível que tenha desenvolvido certo receio de fazer essa catarse e de se expor.

Já S2 apresenta claramente seus dilemas, assim como suas preocupações pedagógicas, em seu diário. No diário de S2, ficam claras algumas características usadas em outra obra de Zabalza (2004b), como, por exemplo, ter “compromisso de deixar absolutamente claro o que se aprendeu” (p.124); uma “visão centrada nos conceitos-chave dos temas e nos erros conceituais dos estudantes” (p.125); o “uso de métodos de ensino e tarefas acadêmicas que exijam dos estudantes o envolvimento ativo na aprendizagem, assumindo responsabilidades e trabalhando cooperativamente” (p.124); “oferta de *feedback* de máxima qualidade aos estudantes sobre seus trabalhos (p.125).

Na obra **Diários de aula**, encontramos frequentemente a preocupação do autor com a reflexão – o diário serve para que o profissional tenha um distanciamento da sua própria prática, e possa reavaliá-la. Já em **Ensino universitário**, o autor aborda de forma mais sucinta o mesmo tema, ao tratar dos *Novos parâmetros da profissionalização docente*. No seu entendimento, “a ideia de um profissional reflexivo transformou-se em um dos postulados básicos da nova profissionalização”. A prá-

tica não gera necessariamente conhecimento; para ele, a prática deve ser planejada, “que vai crescendo à medida que vai documentando seu desenvolvimento e sua efetividade” (ZABALZA, 2004b, p.126).

Logo, não podemos partir do pressuposto, no caso de S1, de que anos de prática realmente aperfeiçoem o seu exercício na docência. Já para S2, encontramos alguma resistência na reflexão sobre sua prática docente, principalmente se formos analisar a resposta ao questionário. Zabalza (2004b, p.126) assevera que “refletir não é retomar constantemente os mesmos assuntos utilizando os mesmos argumentos; na verdade é documentar a própria atuação, avaliá-la (ou autoavaliá-la) e implementar os processos de ajuste que sejam convenientes”. Há indícios de que falta a S2 dar esse salto em direção à reflexão sobre a própria ação docente.

No mundo atual, continuamos a escrever, talvez até mais do que antigamente. Entretanto, não temos tempo para uma escrita mais refinada. A rapidez dos tempos exige objetividade. Os professores estão em contato com as novas formas de escrita e a nova linguagem que se forma – como chama Pedro Demo, o “internetês”. O equilíbrio entre entender a linguagem dos alunos, escrever corretamente, e saber quando e o que corrigir é um impasse enfrentado por todos nós. A escrita consciente de um diário pode ser uma forma de qualificar a escrita dos professores, desde que esse processo tenha o acompanhamento de um professor orientador.

Nos dois sujeitos estudados, de modo bastante diferente, encontramos preocupações com o processo de aprendizagem, tanto pela via institucional e organizacional, quanto pelo crescimento do aluno. Nos sujeitos que participaram do processo de escritura que analisamos neste artigo, percebemos que há falta de tempo para se dedicarem à escrita. Essa dificuldade fica clara pela demora que houve em entregarem o diário, assim como pela recusa de outros professores em fazê-lo (ou seja, há uma resistência a entrar em um processo trabalhoso como o de escrever um texto ao longo do semestre).

A velocidade, que nos leva de semestre a semestre, frequentemente não permite aos professores a parada necessária para a reflexão sobre sua prática pedagógica. Se não pararmos, ordenarmos nossos pensamentos e analisarmos nosso fazer docente, como seremos melhores professores? A prática do diário pode ser a resposta para alguns. No caso dos sujeitos estudados, não se verificou disposição para continuar o processo, talvez até por receio do resultado dessa reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco Cordeiro. Diário – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo de seus dilemas. **Millenium** Revista on-line, n. 29, I, 2004. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millennium29/30.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2009.

BARCELLOS, Sérgio da Silva. Voyeurismo ortográfico. In: **Piauí**. n.38, nov. 2009, p.15.

DEMO, Pedro. Tecnofilia & Tecnofobia. In: **Boletim Técnico do SENAC**: a revista da educação profissional. Senac Departamento Nacional. v.35, n.1. jan./abr. 2009, p.5-17.

CASSANY, Daniel. **Tras las líneas**: sobre la lectura contemporanea. Barcelona: Anagrama, 2006.

CASSANY, Daniel. **Construir la escritura**. Buenos Aires: Paidós. 1999.

MALMBERG, Bertil. **A língua e o homem**: Introdução aos problemas gerais da linguística. Rio de Janeiro: Nordica, 1976.

MANGUEL, Alberto. **Os livros e os dias**: um ano de leituras prazerosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MELLO, Ana Maria Côrte; VITÓRIA, Maria Inês Côrte. Textos opnativos nos concursos vestibulares: A possibilidade de conjugar os verbos ler e escrever em primeira pessoa. In: SMITH, Marisa Magnus, BOCCHESI, Jocelyne da Cunha; SCARTON, Gilberto (Org.). (Sobre) **Screvendo a redação de vestibular**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p.13-27.

MELLO, Lucrécia Stringhetta. **Diário de aula e a formação docente**: A relação entre a leitura escrita e a produção do conhecimento. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais14/Sem11/C11017.doc>>. Acesso em: 2 dez. 2009.

SHÔNAGON, Sei. **O livro de travesseiro**. Tradução de Andrei Cunha. Porto Alegre: Escritos, 2008.

WILDE, Oscar. *The importance of being Earnest*. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/844/844-h/844-h.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2009.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004a.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004b.